

Residentes, atitude e perceções do futuro na ilha da Boa Vista

Residents, attitude and perceptions of the future in the Boa Vista island

EDGAR BERNARDO * [antropoedgar@iol.pt]

Resumo | Da estreita relação entre a atitude dos residentes de um destino turístico e o seu sucesso, acresce o seu envolvimento no planeamento e gestão para a sua sustentabilidade. Importa por isso identificar os indicadores e as teorias que melhor podem contribuir para uma definição clara da atitude, envolvimento, e posicionamento dos residentes face ao futuro. Neste trabalho partilham-se algumas pistas que contribuem para uma compreensão da atitude dos residentes da ilha da Boa Vista face ao seu futuro. Enquanto destino turístico internacional, com cada vez maior destaque, esta ilha caboverdiana revela resultados que tanto corroboram como contrariam algumas posições e pressupostos de referência. Esta contribuição proveio da aplicação de entrevistas semidirigidas a residentes deste destino turístico com o objetivo de determinar a sua perceção face ao futuro e posterior análise comparativo com as suas características sócio-demográficas.

Palavras-chave | Atitude, residentes, planeamento, turismo, troca social.

Abstract | As well as the close relationship between residents' attitude of a tourist destination and its success, their involvement in planning and managing is key for its sustainability. It is therefore important to identify the indicators and theories that can better contribute to a clear definition of attitude, involvement, and residents perception of the future. This work shares some clues that contribute to an understanding of the attitude of Boa Vista's island residents towards its future. As an international tourist destination with increasing emphasis, this Cape Verdean island reveals results that corroborate and that counter some positions and common assumptions. Our contribution is a result of the application of semi-structured interviews to residents of this tourist destination in order to determine their perception towards the future and subsequent comparative analysis with their socio-demographic characteristics.

Keywords | Attitude, residents, planning, tourism, social exchange.

* **Doutorando em Sociologia** pelo ISCTE-IUL. **Investigador** do CIES – Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do IUL – Instituto Universitário de Lisboa, e **bolseiro** da FCT (SFRH/BD/70761/2010).

1. Introdução

Os resultados que serão apresentados neste trabalho, são parte de uma investigação aplicada à ilha da Boa Vista. Uma das ilhas de Cabo Verde a que vários Governos dedicaram atenção e dinheiros públicos para a sua transformação num destino turístico com objetivos ambiciosos de equilibrar as contas nacionais sem colocar em causa a sua sustentabilidade. A pertinência desta investigação decorre dos profundos processos de mudança social e económica que o turismo permitiu, das alterações da economia local, custo de vida, assim como, da melhoria dos seus serviços, acessos e vias de comunicação, do peso da atividade turística para a economia local e nacional, e da rápida multiplicação da população residente, etc.

Das várias consequências e impactos que essa transformação acarretou destaca-se em particular o aumento da sua população. A Boa Vista que via a sua população migrar para outras ilhas e países, e vivia de atividades tradicionais de subsistência, até meados da década de 2000, é hoje um destino de férias para cerca de 5 mil pessoas por semana, garantindo emprego na atividade turística a milhares de pessoas de forma direta e indireta. Estas e outras alterações na comunidade boavistense poderão influenciar as perceções dos seus residentes. Neste trabalho focaram-se esforços na determinação de quais os fatores ou características que influenciam, ou não, a sua atitude face ao futuro e sugere-se um maior envolvimento da comunidade residente no programa turístico da Boa Vista.

O envolvimento dos residentes é a chave para o sucesso dos programas turísticos e pode tomar várias formas que vão da exposição e debate informal dos objetivos e planos do projeto turístico, até à participação ativa na sua elaboração, alteração, execução e avaliação. Isto é, obriga a uma relação entre estes e o planeamento e execução da gestão turística dos destinos, independentemente da sua profundidade e/ou influência.

Esta relação é fortemente condicionada pela perceção que os residentes têm do turismo e dos turistas; é dizer, dos impactos percecionados por eles e respetivas consequências. Daí que Jurowski e Gursoy (2004) reconheçam que o envolvimento das comunidades locais (mesmo as que residem a alguma distância dos focos turísticos) na planificação do turismo e nos seus diagnósticos e avaliações, é determinante para o seu sucesso.

A importância dos residentes no apoio e sucesso do turismo está amplamente presente na literatura (Ashley & Roe, 1998; Andereck & Vogt, 2000). Nessa medida, é possível traçar duas linhas de influência nas investigações que procuravam determinar os fatores que influenciam a perceção dos mesmos face à atividade turística ou desenvolvimento turístico.

Uma tendência dominante tem procurado justificar a atitude dos residentes com base em fatores sócio-económicos como: rendimento, género, idade, etnicidade, e tempo de residência. Esta afirma que quanto maior for o tempo de residência mais negativa é a perceção dos residentes face ao turismo. Esta tese é comprovada em trabalhos como os de Um e Crompton (1987), ou Brougham e Butler (1981), ainda que com variações entre si.

Pelo contrário, Perdue, Long e Allen (1990) afirmam que este é um fator pouco determinante, e até contraditório em algumas pesquisas, não sendo capaz de explicar as variações nas atitudes. Conclusões partilhadas por autores como Cavus e Tanrisevdi (2002), entre outros. Na verdade, McCool e Martin (1994), Williams, McDonald, Riden e Uysal (1995) chegam mesmo a obter resultados que contrariam diretamente a premissa sugerida.

Uma outra tendência comum tem procurado explicar as atitudes dos residentes com base em fatores espaciais, onde quem *reside ou convive mais perto da atividade turística tende a ter uma atitude ou perceção pior* que os restantes residentes. Uma premissa que obteve algumas corroborações em trabalhos como os de Pizam (1978), ou Jurowski e Gursoy (2004), etc. Em certa medida esta ideia encontrou ecos idênticos noutros trabalhos que revelaram que

o menor contacto entre residentes e turistas resultava numa perceção mais positiva, como em Brougham e Butler (1981), ou Smith e Krannich (1998), etc. Todavia, outros autores também tiveram resultados que a contrariam totalmente, como Harrill e Potts (2003), etc., onde maior contacto entre residentes e o turismo resultou numa atitude mais positiva.

Apesar de resultados contraditórios, ambas as linhas de investigação acabaram por contribuir para uma melhor compreensão das atitudes dos residentes, pois, concluiu-se que existe todo um conjunto complexo de fatores que a influenciavam, muito além de fatores apenas espaciais e sócio-económicos.

Outros estudos revelaram a influência de mais fatores como: o tipo de turistas (Woosman, 2008), os líderes comunitários (Aref & Redzuan, 2009), características sócio-demográficas (Husband, 1989; McCool & Martin, 1994)¹, o envolvimento dos residentes no planeamento turístico e sua aplicação (West e Brechin, 1991), a duração/história do desenvolvimento turístico num destino (Duffield & Long, 1981; Brougham & Butler, 1981), o tempo de residência², o aumento do número de turistas (Akis et al., 1996), a presença esmagadora de turistas em relação a residentes (Milman & Pizam, 1988), ou ainda os benefícios económicos (Husband, 1989; Madrigal, 1993), entre inúmeros outros.

Este emaranhado aparentemente caótico de fatores que condicionam a atitude dos residentes esconde muitas vezes as perspetivas teóricas que têm procurado encontrar sentido nestes resultados tantas vezes contraditórios. Por esse motivo é importante recordar essas mesmas teorias.

Começamos esta explanação com a teoria "Community Attachment", ou "apego à comunidade", aplicada por McCool e Martin (1994), e que postula que dada a permeabilidade da qualidade de

vida da comunidade face aos efeitos da atividade turística, quanto maior for o apego à comunidade mais negativa é a sua atitude face ao desenvolvimento. A questão que se colocou desde logo no seio desta teoria foi: como medir o nível de apego à comunidade ou quais os indicadores adequados para tal medição? Ora os indicadores mais comuns nas mais diversas combinações são: tempo de residência, local de nascimento, etnicidade (Um & Crompton, 1987), nível de desenvolvimento turístico e sentimentos de apego à comunidade, rendimento anual (Williams et al., 1995), nível de qualidade de vida e satisfação na comunidade (Jurowski, 1998), e envolvimento na comunidade (Harrill & Potts, 2003). Esta teoria foi corroborada por Um e Crompton (1987), mas o grosso dos resultados demonstraram que o contrário é mais comum, ou seja, os residentes com maior apego tendem a perceber o desenvolvimento turístico como algo mais favorável que os restantes residentes.

Por seu turno, a teoria "Growth Machine", ou "máquina de desenvolvimento", apresenta-se como particularmente interessada nas questões do desenvolvimento urbano, nomeadamente, nas diferenças de atitude entre residentes e elites. Nessa medida, esta teoria tem sido adaptada ao estudo do turismo com o intuito de determinar se o desenvolvimento turístico é controlado por interesses relacionados com o crescimento urbano e não tanto pelos interesses de residentes individuais (Harrill, 2004). Postula-se que os indivíduos que não retiram quaisquer dividendos do desenvolvimento turístico não apoiam o incremento do mesmo.

Já a teoria "Altruistic Surplus", ou "excedente altruísta", de Faulkner e Tideswell (1997), defende que, por vezes, uma noção de 'bem geral' pode sobrepor-se à perceção de prejuízo individual e levar os indivíduos a apoiar o turismo mesmo reconhecendo o efeito nocivo deste na sua vida. Uma teoria interessante mas que carece de comprovação.

A teoria "Reasoned Action" de Ajzen e Fishbein (1975), afirma que os indivíduos são racionais e como tal fazem uso de toda a informação disponível,

¹ Ainda que neste caso alguns autores sugiram que estas características são apenas determinantes em países em vias de desenvolvimento como Milman e Pizam (1988), etc.

² Onde para Brougham e Butler (1981) os recém chegados toleravam pior os impactos, ou o contrário em Duffield e Long (1981).

avaliam as implicações das suas ações, tomando ou não uma decisão. Por outras palavras, se um indivíduo considera um comportamento como favorável, a probabilidade de o executar é maior.

Uma teoria que reúne várias tentativas de comprovação, é a “Social Exchange Theory” (SET), ou “Teoria da Troca Social”. Esta procura explicar a mudança social enquanto processo de trocas negociadas entre indivíduos em sociedade (Ap, 1992). A SET afirma que os indivíduos formam relações de acordo com uma análise de custo-benefício e comparação das suas alternativas. Isto significa, por arrastamento, que as relações tornam-se mais ou menos desiguais entre os indivíduos dependendo dos custos e benefícios das mesmas. Tal percepção é entendida como fulcral para o desenvolvimento e apoio ao turismo por parte das comunidades. A teoria defende que os residentes, por exemplo, consideram positivamente o turismo se os seus impactos negativos percecionados se demonstrarem iguais ou inferiores aos positivos, algo confirmado por inúmeros trabalhos³.

Para Ko e Stewart (2002) os benefícios pessoais que derivam do turismo são relevantes para entender as percepções positivas dos residentes, mas não tanto para entender as percepções quanto aos impactos negativos. Os residentes que mais dependem do turismo acabam muitas vezes por tolerar melhor os impactos negativos ou sobrevalorizar os positivos (Pizam, 1978; Brougham & Butler, 1981; Milman & Pizam, 1988). No entanto, Var, Kendall e Tarakcioglu (1985), e Lawson, Williams, Young e Cossens (1998), entre outros, demonstraram que quem mais benefícios colhe é também capaz de reconhecer melhor os impactos negativos.

Em suma, uma teoria amplamente testada que encontra alguns resultados contraditórios como o de Monterrubio, Gullette, Mendonza-Ontiveros, Fernández e Luque (2012). Estes autores concluíram na sua investigação que, embora os resultados quantitativos confirmem esta teoria, os resultados qualitativos relativizam-nos. Já Andriotis (2005) não foi capaz de comprovar a SET na sua investigação.

Uma das críticas constantes à SET é esta abarcar sobretudo estudos de custo-benefício em termos de benefícios económicos, relegando normalmente os aspetos culturais e sociais. Já McGehee, Andereck e Vogt (2001) consideram que esta teoria peca por partir do princípio de que os indivíduos decidem com base em critérios de ganho para si próprios, e nessa linha não existem “perdedores” nas trocas. Ora, nem podem apenas haver “vencedores” nas trocas, nem se pode presumir que todas as escolhas são prudentes sem se presumir que todas as decisões são tomadas com pleno conhecimento de todas as variáveis ou informações possíveis.

Esta teoria assume que as pessoas efetuam trocas quando existem interesses e mantêm-nas quando o resultado final é vantajoso. Troca essa que pode ter uma forma material (física), ou então imaterial (como um serviço prestado), e que pressupõe uma relação positiva entre os intervenientes quando a troca é compensatória. A recompensa ou reforço podem ser positivos ou negativos, dependendo também das relações de poder estabelecidas entre os intervenientes.

No entanto, ao contrário do que é muitas vezes considerado, as transformações culturais são universais e inevitáveis; se quisermos, o turismo massificado pode ser uma oportunidade de retocar essas transformações de uma forma economicamente proveitosa. As relações entre hóspedes e anfitriões são relações de influência mútua. Todavia o grosso da literatura e das investigações das ciências sociais sobre o tema dos impactos destas relações tem incidido com particular atenção sobre os impactos dos turistas sobre os autóctones (ou dos hóspedes sobre os anfitriões). Da mercadorização cultural que o turismo massificado provoca, ao reforço de valores culturais e uma propagação dos mesmos a uma escala globalizada, todos os cenários são praticados e praticáveis.

³ Como Arjen e Fishbein, 1980; Perdue et al, 1990; Madrigal, 1993; Faulkner e Tideswell, 1997; Andereck e Vogt, 2000; McGehee et al, 2001; etc.

Os anfitriões reconhecem vários impactos negativos e positivos, e da percepção desse conjunto de impactos definem a sua postura face ao turismo, seja ela de apoio, de indiferença ou de resistência. Assim, será na prevenção dos impactos negativos que pode residir a chave para um maior apoio e envolvimento no turismo por parte dos anfitriões. Tais condições, por sua vez, permitem uma melhoria do serviço prestados aos hóspedes, o que por seu turno, garante a satisfação e o potencial retorno dos mesmos. Mantendo o ciclo de vida do espaço turístico social, ambiental e economicamente, ou seja, turismo sustentável.

Em suma, um turismo sustentável passa pelo envolvimento das comunidades locais nos processos de tomada de decisão, de forma a garantir que estes beneficiem não só economicamente, mas também que as suas tradições e características perdurem de acordo com as regras por eles próprios determinadas, sem imposição externa. Ashley e Roe (1998) consideram mesmo que o envolvimento das comunidades pode tomar várias formas, que passam da concessão, da parceria, até ao envolvimento ativo. Daí que determinar o sucesso de um programa de desenvolvimento assente no turismo passa desde logo por determinar os níveis de satisfação das comunidades recetoras, a sua atitude face ao turismo, e esta está intrinsecamente ligada ao seu envolvimento no processo, sobretudo na tomada de decisões.

2. Metodologia

Este trabalho pretende dar a conhecer alguns dos resultados de uma investigação aos discursos, impactos percecionados e reações ao turismo na ilha da Boa Vista em Cabo Verde. Nomeadamente, aqueles que podem contribuir para testar algumas das correntes teóricas que procuram determinar e

justificar a atitude dos residentes face à presença e consequências do turismo na sua comunidade.

Uma investigação intensiva, assente em trabalho de campo e observação participante, que colocou o investigador na comunidade boavistense, em Cabo Verde, entre 2012-2014, durante mais de catorze meses, e do qual resultaram um conjunto de entrevistas semidirigidas, a 96 residentes da comunidade local sobre os impactos do turismo na ilha e na sua comunidade.

Considerou-se como comunidade toda a população residente na ilha há pelo menos três anos; e a sua seleção teve como base a população nativa da ilha, que representa 58% da amostra; foram também recolhidas percepções junto dos residentes estrangeiros (14%), operadores (11%), e nativos de outras ilhas (12%). Destes reconhece-se que o último subgrupo se encontra subrepresentado já que, ao contrário dos dados do INE de Cabo Verde, nativos de outras ilhas representavam cerca de 2/3, e não 1/4 como apontam os dados de 2010.

A amostra é composta por indivíduos de ambos os géneros, várias proveniências (nacional, europeia, e outros países), espaço (urbano e rural), escolaridade (6 categorias que vão do “ensino primário incompleto” ao “ensino superior”), idade (6 categorias: 20-29, 30-39, 40-49, 50-59, 60-69, e 70+), situação profissional (empregado, desempregado, trabalhador por conta própria, reformado, e doméstico), e ainda, por grupo de residência (naturais da Boa Vista, de outras ilhas, residentes estrangeiros, e operadores).

As entrevistas foram analisadas, criando-se uma base dados assente nas percepções que os entrevistados tinham do futuro, que depois serviram de plataforma para a comprovação, ou não, das teorias apresentadas. Resta referir que nesta investigação obtiveram-se ainda dados referentes à percepção das: motivações dos turistas, dos impactos percecionados, das prioridades de intervenção, e foram ainda aplicados inquéritos a turistas de forma a determinar a sua avaliação à experiência turística na Boa Vista.

3. Resultados

A tabela 1 resume com transparência os resultados gerais da análise às percepções que os residentes da ilha da Boa Vista têm para com o futuro da sua ilha no atual cenário de expansão do turismo: para quase um terço dos entrevistados, esse futuro é antes de mais incerto; sendo negativo para pouco mais de um quarto; e positivo, para cerca de 22%; cerca de 12% não responderam com clareza; e outros 6% consideraram que o futuro da Boa Vista será idêntico ou inalterado face à situação atual. Olhemos com maior atenção para os dados, variável a variável.

Os resultados referentes à variável faixa etária, na figura 1, demonstram que a faixa etária mais jovem variou as suas respostas entre um futuro positivo, logo seguido do negativo e do idêntico, ao passo que a faixa seguinte varia entre o positivo, logo seguida de incerto e idêntico. A faixa entre os 40 e os 49 anos apenas se destacou no futuro

positivo, com alguma presença no futuro negativo ou idêntico. Contrariamente, a faixa posterior, 50-59 anos, marcou sobretudo presença na incerteza e na incapacidade de responder. A faixa etária 60-69 anos apresentou claramente uma postura negativa, marcada também pela incapacidade ou opção de não responder e pelo nulo na opção positiva. Os entrevistados com 70 ou mais anos de idade mostraram-se sempre capazes de responder, sendo que a sua previsão de futuro era de manutenção do *status quo* e, depois, de incerteza, revelando-se um dos grupos que menos negativo se mostrou.

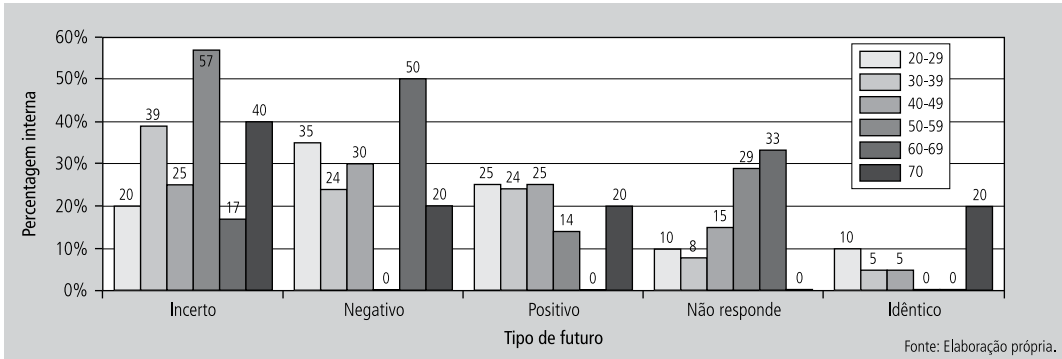
A análise por Género (Figura 2) mostra como o género feminino se mostrou particularmente incerto quanto ao futuro, ao passo que os valores positivo e negativo foram idênticos, o que, a par da liderança na opção idêntico revela uma clara tendência das entrevistadas em traçar um futuro dúbio. Por seu turno, o género masculino destacou-se na previsão do futuro negativo e incerto, assim como na incapacidade de antecipar o desfecho do atual cenário. Isto, somando ao baixo valor na opção positivo, revela uma tendência da visão de futuro dos entrevistados ligeiramente mais negativo que as entrevistadas.

A previsão do futuro para estrangeiros (Figura 3) mostrou-se relativamente aproximada nas três opções mais destacadas, ligeiramente mais negativo que positivo, e, numa condição menos ligeira, também entre os nacionais a percepção foi sobretudo de incerteza e negatividade.

Tabela 1 | Perceção do futuro dos residentes

Futuro	N.º de menções	Percentagem
Incerto	31	32
Negativo	26	27
Positivo	21	22
Não responde	12	13
Idêntico	6	6
Total	96	100

Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 1 | Perceção do futuro por faixa etária.

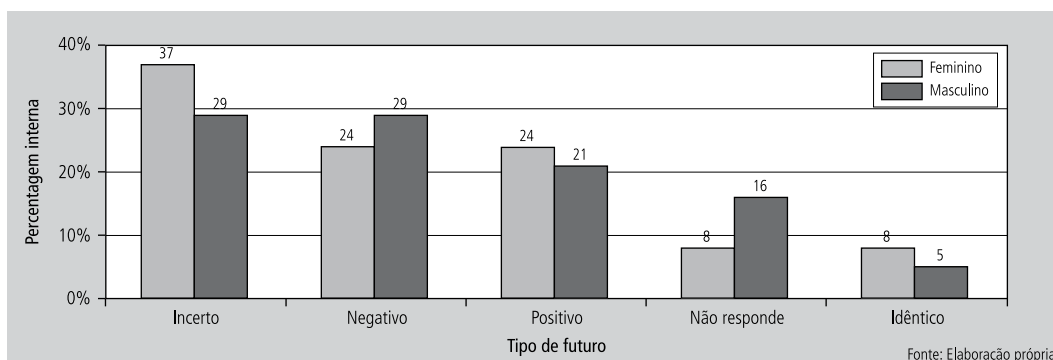


Figura 2 | Perceção do futuro por género.

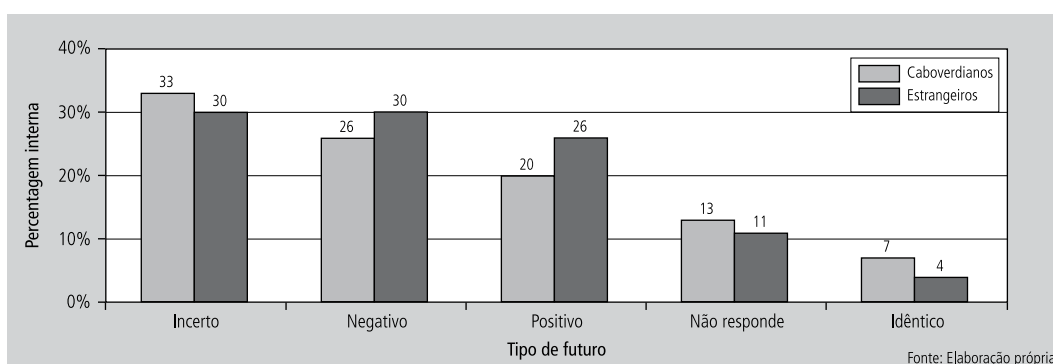


Figura 3 | Perceção do futuro por nacionalidade.

Por área de residência (Figura 4) verificou-se que os habitantes em meio urbano apresentaram uma postura que pende mais para uma previsão em queda com muita incerteza, e os entrevistados de meio rural apresentaram-se tão incertos como negativos, mas ligeiramente mais positivos que a sua contraparte.

Os entrevistados com o nível de ensino primário mostraram perceber um futuro muito incerto, seguido, com distância, por respostas igualmente positivas e negativas (Figura 5). Já os de nível preparatório demarcaram-se apenas como os mais positivos sem grande destaque em qualquer das outras opções. Contrariamente, foi entre os residentes com o ensino secundário que o futuro se mostrou mais negativo, e posteriormente igualmente incerto e positivo. Por fim, os licenciados, marcaram uma

postura negativa e incerta bem mais do que positiva. Na verdade, foram o grupo que mais hesitação em antecipar o futuro mostrou.

Apesar de terem liderado na hipótese de um futuro positivo, os residentes empregados mostraram-se divididos entre as várias hipóteses de futuro. Os trabalhadores por conta própria também não mostraram nenhuma tendência específica. Os desempregados tiveram uma posição ligeiramente mais negativa, ao passo que os reformados se mostraram incapazes de perspetivar um futuro com clareza, destacando-se nas opções de incerteza e na de um futuro idêntico (Figura 6).

No grupo de residentes, os nativos da Boa Vista demarcaram-se como os mais negativos e um dos grupos mais incertos quanto ao futuro, onde menos de um quinto viu o futuro com bons olhos. Entre os

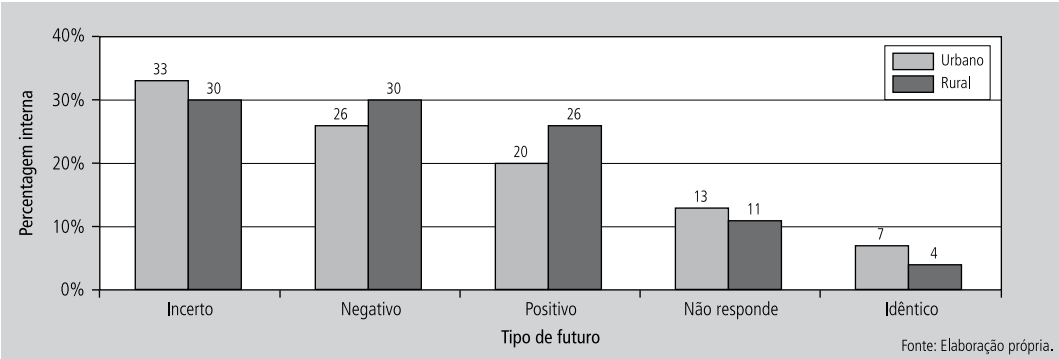


Figura 4 | Percepção do futuro por área de residência.

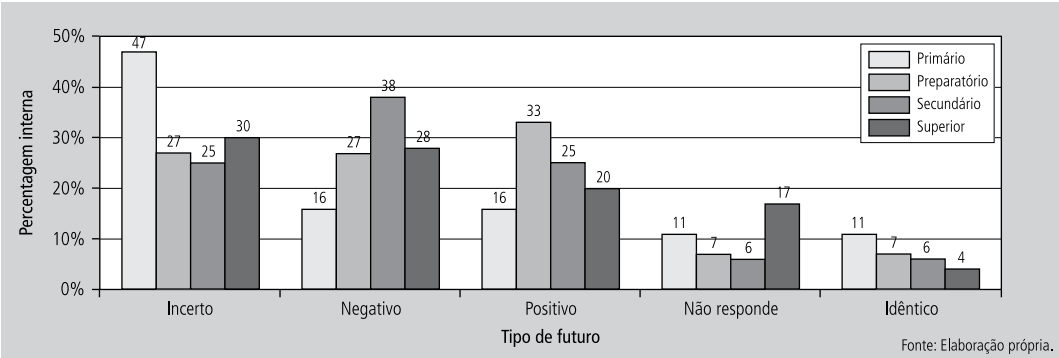


Figura 5 | Percepção do futuro por escolaridade.

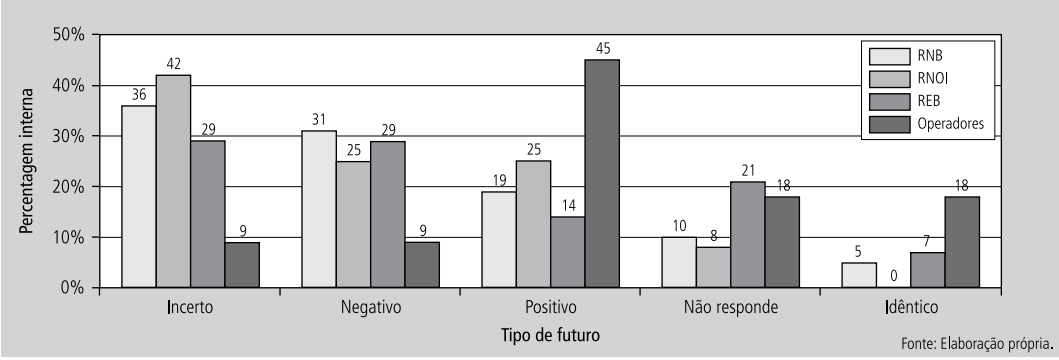


Figura 6 | Percepção do futuro por grupo de residentes

nacionais oriundos de outras ilhas a incerteza reina algo reforçada pelo grande número que viu o futuro igualmente como positivo e negativo (Figura 7).

Os estrangeiros residentes na ilha podem ter sido os que se revelaram mais incapazes de responder e os que apresentaram valores positivos mais baixos, mas o destaque vai para a idêntica previsão

de um futuro incerto ou negativo, contrariando algumas ideias comuns de que tanto operadores como estrangeiros seriam quem mais veria o futuro positivamente. Na verdade, foram apenas os operadores que se destacaram profundamente no futuro positivo, logo seguido a alguma distância pelas duas opções menos comuns (Figura 8).

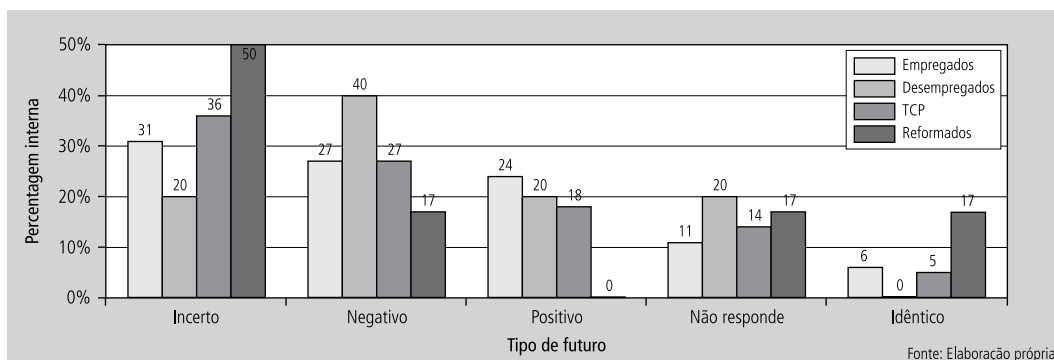


Figura 7 | Percepção do futuro por situação profissional.

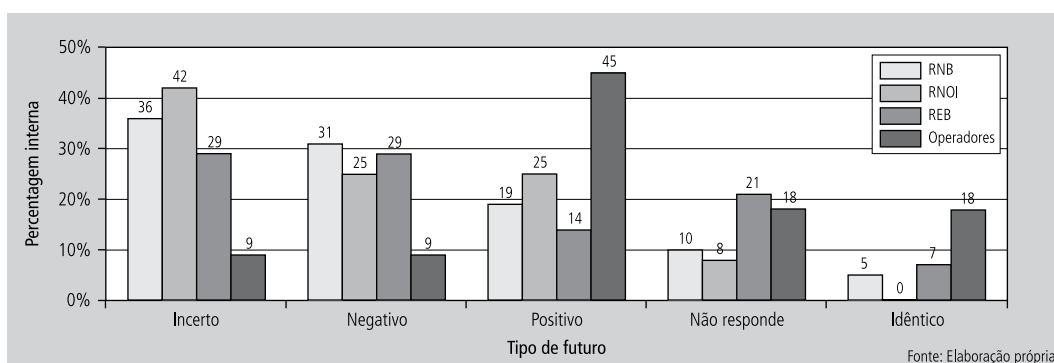


Figura 8 | Percepção do futuro por grupo de residentes.

4. Discussão

Verificamos que existem características sócio-demográficas que claramente condicionam a visão do futuro dos residentes, como foi o caso da idade, onde quanto maior a faixa etária maior a tendência para uma percepção mais negativa; do género, onde o género feminino foi ligeiramente mais incerto e positivo que o género masculino (por sua vez mais negativo). Outra característica sócio-demográfica determinante foi a situação profissional já que, sem surpresa, os desempregados apresentaram uma atitude mais negativa, ao passo que os profissionalmente ativos (empregados e trabalhadores por conta própria) apresentaram a atitude mais positiva entre os entrevistados.

Os nativos de outras ilhas consideraram o futuro mais incerto, ao passo que os nativos da Boa Vista o futuro mais negativo, e os operadores turísticos mais positivo. Por seu turno, o nível de escolaridade demonstrou dados contraditórios já que os entrevistados com maior nível de escolaridade apresentaram os valores mais elevados tanto na perspectiva negativa como na positiva.

Se analisarmos a correlação entre a percepção do futuro e os fatores espaciais, verificamos que os resultados não confirmam trabalhos de Pizam (1978) onde quem reside e convive mais próximo dos turistas e da atividade turística tem uma percepção mais negativa do turismo do que aqueles que têm menor convivência ou contacto, dado que o mesmo sucede com quem reside mais afastado.

Já numa leitura que se pretenda aproximar da posição da Community Attachment de Harrill (2004), podemos referir que, uma vez que os caboverdianos são mais negativos e incertos que os estrangeiros, e estes mais positivos que os demais, os resultados vão ao encontro da sua posição de que, quanto maior for o apego à comunidade mais negativa é a atitude.

Se considerarmos que os nativos da Boa Vista representam uma minoria dos empregos diretos e indiretos do turismo, e assim, os que menos dividendos económicos retiram da atividade turística. Podemos detetar alguma proximidade com os pressupostos da teoria Growth Machine, onde quem retira menos dividendos do turismo não o apoia na mesma medida do que aqueles que daí retiram mais benefícios, uma vez que operadores e nativos de outras ilhas apoiam claramente mais que os nativos da Boa Vista.

Quanto à preposição da Teoria Excedente Altruísta, dada a reduzida incidência da perceção positiva, não podemos falar numa ideia de bem maior que se sobreponha aos interesses das perceções particulares. Na verdade, a já referida negatividade dos nativos da ilha aponta no sentido contrário, onde o desejo por um bem maior ao nível local se sobrepõe aos planos do bem nacional planeados pelo governo central.

Resta ainda analisar estes dados a partir da Social Exchange Theory. Os resultados mostraram que entre os residentes estrangeiros e de outras ilhas de Cabo Verde, encontravam-se as perceções de futuro mais positivas, depois dos operadores, e as menos negativas na generalidade. Sendo ainda de longe os que apresentam maior incerteza, o que pode ser explicado pela grande dependência destes grupos estrangeiros e oriundos de outras ilhas face à atividade turística. Com isto, defende-se que dadas as condições de vida e de trabalho a que estão submetidos, os residentes migrantes e estrangeiros da costa africana que constituem a força de trabalho da ilha, toleram as suas difíceis condições de vida e a incerteza quanto ao seu futuro em virtude da oportunidade laboral que a ilha oferece. Sendo assim,

mais um exemplo que parece confirmar a SET e os trabalhos de Milman e Pizam (1988), Ko e Stewart (2002) entre outros.

5. Conclusão

O envolvimento das comunidades que residem próximas de destinos turístico, em particular, com elevado fluxo de visitantes, para o sucesso dos mesmos destinos a longo prazo já foi cabalmente demonstrado por inúmeros trabalhos ao longo das últimas décadas. Envolver implica associar estas comunidades nos planos e na gestão dos espaços, procurando cruzar os seus desejos e necessidades com a viabilidade ambiental e económica dos empreendimentos turísticos e negócios conexos. Determinar quais os desejos e necessidades exige determinar, recolher e analisar indicadores de qualidade de vida, satisfação e atitude destas comunidades para com o turismo.

Das várias alternativas disponíveis para abordar os dados recolhidos nesta investigação à ilha da Boa Vista, no arquipélago de Cabo Verde, procurou-se testar as diversas propostas. Deste esforço concluiu-se que, se por um lado, existem de facto características sócio-demográficas que condicionam a atitude dos residentes face ao futuro, por outro, algumas teorias de autores de referência encontraram eco neste estudo de caso como a SET, a Community Attachment, e a Growth Machine.

Já a Teoria Excedente Altruísta, ou os argumentos espaciais de Pizam, não só não encontraram eco, como se revelou apresentarem resultados contrários. Tal demonstra a variedade, multiplicidade, e disparidade de resultados, e sublinha a necessidade de um acompanhamento contínuo e adaptado, e não uma standardização nas correções ou ajustes paliativos.

Neste sentido, sugere-se uma continuidade na recolha de dados de modo a corroborar os dados exploratórios desta investigação e um aprofundamento

das suas implicações, contribuindo com ferramentas e indicadores úteis ao planeamento contíguo deste destino turístico e da sua comunidade residente.

Referências

- Ajzen, I., & Fishbein, M. (1975). *Belief, attitude, intention, and behavior: An introduction to theory and research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Akis, S., Peristianis, N., & Warner, J. (1996). Residents' attitudes to tourism development: the case of Cyprus. *Tourism Management*, 17, 481-494.
- Andereck, K., & Vogt, C. (2000). The relationship between residents' attitudes toward tourism and tourism development options. *Journal of Travel Research*, 39(1), 27-36.
- Andriotis, K. (2005). Community groups' perceptions of and preferences to tourism development: Evidence from Crete. *Journal of Hospitality and Tourism Research*, 29(1), 67-90.
- Ap, J. (1992). Residents' perceptions of tourism impacts. *Annals of Tourism Research*, 19(4), 665-690.
- Aref, F., & Redzuan, M. (2009). Community leaders' perceptions toward tourism impacts and level of community capacity building in tourism development. *Journal of Sustainable Development*, 2(3), 208-213.
- Ashley, C., & Roe, D. (1998). Enhancing community involvement in wildlife tourism: Issues and challenges. *Wildlife and Development Series*, 11. International Institute of Environment and Development, London.
- Brougham, J., & Butler, R. (1981). A segmentation analysis of resident attitudes to social impacts of tourism. *Annals of Tourism Research*, 7(4), 569-90.
- Cavus, S., & Tanrisevdi, A. (2002). Resident attitudes towards tourism: A case study of Kusa-dasi, Turkey. *Tourism Analysis*, 7(3-4), 259-268.
- Duffield, B., & Long, J. (1981). Tourism in the Highlands of Scotland: Rewards and conflicts. *Annals of Tourism Research*, 8(3), 403-431.
- Faulkner, B., & Tideswell, C. (1997). A framework for monitoring community impacts of tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 5(1), 3-28.
- Harrill, R., & Potts, T. (2003). Tourism planning in historic districts: Attitudes toward tourism development in Charleston. *Journal of the American Planning Association*, 69(3), 233-244.
- Harrill, R. (2004). Residents' attitudes toward tourism development: A literature review with implications for tourism planning. *Journal of Planning Literature*, 18(3), 215-266.
- Husband, W. (1989). Social status and perception of tourism in Zambia. *Annals of Tourism Research*, 16(2), 239.
- Jurowski, C. (1998). A study of community sentiments in relation to attitudes toward tourism development. *Tourism Analysis*, 3(1), 17-24.
- Jurowski, C., & Gursoy, D. (2004). Distance effects on residents' attitudes toward tourism. *Annals of Tourism Research*, 31(2), 296-304.
- Ko, D., & Stewart, W. (2002). A structural equation model of residents' attitudes for of residents' attitudes for tourism development. *Tourism Management*, 23, 521-530.
- Lawson, R.W., Williams, J., Young, T., & Cossens, J. (1998). A comparison of residents' attitudes towards tourism in 10 New Zealand destinations. *Tourism Management*, 19(3), 247-256.
- Perdue, R., Long, R., & Allen, L. (1990). Resident support for tourism development. *Annals of Tourism Research*, 17(4), 586-599.
- Pizam, A. (1978). Tourism's impacts: The social costs to the destination community as perceived by its residents. *Journal of Travel Research*, 16(4), 8-12.
- Madrigal, R. (1993). A tale of tourism in two cities. *Annals of Tourism Research*, 20(2), 336-353.
- McCool, S., & Martin, S. (1994). Community attachment and attitudes toward tourism development. *Journal of Travel Research*, 32(2), 29-34.
- McGehee, N., Andereck, K., & Vogt, C. (2001). An examination of factors influencing resident attitudes toward tourism in twelve Arizona communities. *Journal of Planning Literature*, 4(18), 251-266.
- Milman, A., & Pizam, A. (1988). Social impact of tourism on Central Florida. *Annals of Tourism Research*, 15(2), 191-204.
- Monterrubio, J., Gullette, G., Mendonza-Ontiveros, M., Fernández, M., & Luque, A. (2012). Social impacts of tourism as perceived by state-planned tourism destination residents: The case of Huatulco, Mexico. *International Journal of Tourism Anthropology*, 2(1), 34-52.
- Smith, M., & Krannich, R. (1998). Tourism dependence and resident attitudes. *Annals of Tourism Research*, 25(4), 783-802.
- Um, S., & Crompton, J. (1987). Measuring resident's attachment levels in a host community. *Journal of Travel Research*, 26(1), 27-29.
- Var, T., Kendall, K., & Tarakcioglu, E. (1985). Resident attitudes towards tourists in a Turkish resort town. *Annals of Tourism Research*, 12(4), 652-658.
- West, P., & Brechin, S. (1991). Resident people and national parks. *Social Dilemmas and Strategies in International Conservation*, Tucson: University of Arizona Press.
- Williams, D., McDonald, C., Riden, C., & Uysal, M. (1995). Community attachment, regional identity, and resident attitude toward tourism development. Unpublished paper presented at conference on global tourism: *New Rules, new strategies*, 26th Annual Conference Proceedings of the Travel and Tourism Research Association, Acapulco: Mexico.
- Woosman, K. (2008). *Identifying with tourists: Examining the emotional solidarity residents of Beaufort County, South Carolina, have with tourists in their community*. Doctoral Thesis of Philosophy – Parks, Recreation and Tourism Management, University of Clemson, Clemson, South Carolina, USA.